

A figura de Garcia de Orta traçada pelo Conde de Ficalho Os diálogos entre o biógrafo e *Colóquios dos Simples*

Teresa Nobre de Carvalho¹

Instituição: CHAM-FCSH/UNL

Email: tercarvalho@gmail.com

Data de receção do artigo: 11-04-2017

Data de aceitação do artigo: 02-11-17

Resumo

Em 1563 foi publicado, em Goa, *Colóquios dos Simples e Drogas e Cousas Medicinais da Índia*. Redigido em diálogo, o tratado, a par das novidades sobre plantas, minerais e produtos de luxo orientais, divulgou a figura do seu autor, Garcia de Orta (c.1500-1568). As conversas - fictícias, reais ou prováveis - que os *Colóquios* descreveram, contribuíram para a construção da memória do médico. Trabalhada e recriada ao longo do tempo, esta sua imagem foi, no século XIX, acolhida pelo seu mais destacado biógrafo: o Conde de Ficalho (1837-1903). Este artigo descreve o frutuoso diálogo que Ficalho estabeleceu com *Colóquios dos Simples* do qual resultou uma figura de Garcia de Orta que, no espírito de muitos, permanece verosímil e indelével.

Palavras-chave: Conde de Ficalho – Garcia de Orta – *Colóquios dos Simples* – Biografia.

Abstract

In 1563 *Colóquios dos Simples e Drogas e Cousas Medicinais da Índia* was published in Goa. The treatise, written in the form of a dialogue, shared the latest news on the plants, minerals and luxury

¹ Investigadora Integrada CHAM-FCSH/UNL. Bolseira Pos Doc FCT (SFRH/BPD/119899/2016).

Gostava de expressar o meu agradecimento a Rui Manuel Loureiro, pelas numerosas indicações bibliográficas, e à equipa editorial deste volume, pelas pertinentes observações. Agradeço ainda a Isabel Barros Dias pelo apoio e incentivo.

goods of the Orient. It also revealed much about the character of its author, Garcia de Orta (c.1500 – 1568). The conversations (fictitious, real or probable) that the *Colóquios* describe contributed to the construction of the physician's memory. Developed and recreated over time, this image of his was taken up in the 19th century by his most well-known biographer: the Count of Ficalho (1837 – 1903). This article describes the fruitful dialogue that Ficalho established with the *Colóquios dos Simples*, which resulted in the depiction of an image of Orta which, in the minds of many, remains plausible and indelible.

Keywords: Conde de Ficalho – Garcia de Orta – *Colóquios dos Simples* – Biography.

Jogos, construções e imagens

Em 1563 saiu dos prelos de João de Endem, em Goa, *Colóquios dos Simples e Drogas e Cousas Medicinais da Índia*. Da autoria de Garcia de Orta, o tratado divulgou na Europa de então os mais actualizados saberes sobre as propriedades das drogas asiáticas assim como os seus locais de origem, preços de transação, mercados de distribuição e rotas de circulação.

Redigida em diálogo, uma forma de simular a transmissão de conhecimentos, a obra estabelecia as conversas entre dois médicos amigos – “Ruano” e “Orta” - que se haviam separado depois de terminados os estudos nas universidades de Salamanca e Alcalá. A confiança mútua que caracterizava esta sólida amizade era, no plano formal, uma forma verosímil para que a troca de ideias e saberes fluísse livremente e que as eventuais discordâncias ocorressem sem causar ofensas ou ferir susceptibilidades.²

Em *Colóquios dos Simples*, o físico apresentou aos seus leitores o locutor principal que designou “Orta”. Descrevendo o quotidiano plausível de um médico português residente em Goa, a obra difundiu a imagem de um “Orta” eclético: um físico atento aos hábitos da sociedade em que se integrou; um interlocutor privilegiado junto dos agentes imperiais; um hábil negociador. Uma

² Sobre a opção de Garcia de Orta pela forma coloquial ver, por exemplo: Siepmann 2008: 157-163; Županov, 2009: 24-74; Pimentel & Soler 2014: 101-120 ou Županov 2015: 49-66. Sobre o recurso ao diálogo na literatura, ver, entre outros: Girardi 1989; Cox 1992, Baranda Leturio 2001: 1-21; Heitsch & Vallée 2004; Ledo 2009: 407-428 ou Nascimento 2011.

personalidade que, à curiosidade sobre a natureza asiática, respondeu com audácia no estabelecimento de novas verdades. Uma personagem que, revelando uma invulgar abertura de espírito, desafiou, com a sua experiência ou com o testemunho daqueles em quem confiou, o saber em circulação. A figura do interlocutor “Orta” que, pelos pontos comuns com a biografia do médico, se confundia com o quotidiano do autor da obra, permitiu construir uma *persona* que se adequava ao modelo de sábio europeu proposto por Castiglione no *Livro do Cortesão*.³ A descrição de uma memória de fundamento verídico permitiu, assim, ao físico testemunhar uma vida e inscrever o seu nome na História.

A proposta de *Colóquios dos Simples* era audaciosa. Na obra, o autor não se limitou a rever ou comentar textos antigos. Retomando os métodos de observação da natureza que os Clássicos preconizavam, complementou o seu aturado trabalho de gabinete com a persistente recolha de notícias sobre os recursos naturais e com a metódica observação das plantas. Como Plínio, confiou nos testemunhos de soldados, mercadores e viajantes. Como Galeno, observou e descreveu os espécimes que plantou ou que lhe enviaram.⁴ Para o avisado leitor tornou-se claro que, só um médico, com sólida formação científica, profundo conhecimento dos textos e ampla vivência asiática poderia, naquele início da década de 1560 ter defrontado, de forma tão arrojada, o saber estabelecido.

Mas a novidade veiculada através de *Colóquios dos Simples* não se confinou ao confronto relativo ao saber sobre a matéria médica das Índias. No vasto Oriente que os portugueses então cruzavam, Garcia de Orta deparou-se com novas doenças para as quais procurou conveniente remédio. Incapaz de debelar alguns males locais, assumiu os limites do seu saber e aceitou que os físicos da terra o corrigissem. Questionar o saber ensinado nas cátedras universitárias, validando com a sua experiência, o saber dos textos de Avicena, Rasis e Mesué, ou o daqueles físicos árabes e gentios que viu praticar no Oriente, foi também um desafio que o autor/interlocutor lançou à elite de sábios da Europa.

³ Sobre a eventual influência do diálogo de B. Castiglione no modelo de construção da imagem de Orta, ver: Carvalho 2012: 34-48 e Županov 2015: 49-66.

⁴ Para a construção da *História Natural*, Plínio para além da compilação de numerosas notícias em circulação, contou com a colaboração de múltiplos informadores. Galeno, por seu lado, afirmou que, para o completo conhecimento das plantas, era fundamental observá-las desde a emergência dos cotilédones até à fase adulta.

A figura de “Orta” que o médico desenhou para o interlocutor principal, apesar de em muitos momentos, ser passível de descrever episódios da vida do autor em Goa, poderia ser parte da uma estratégia de construção da sua própria memória. Esta seria elemento-chave de uma tática mais ampla, conducente à validação do novo método de construção e reconfiguração do saber proposto em *Colóquios dos Simples*.⁵

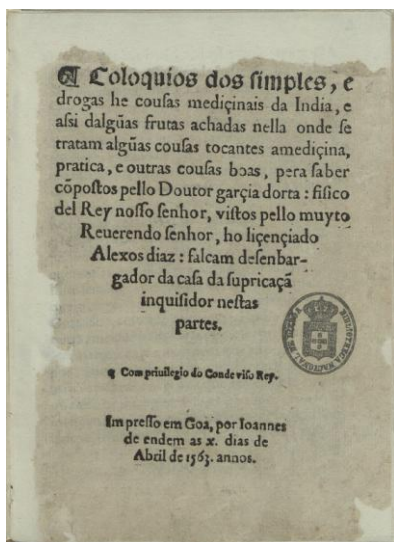


Figura 1. *Colóquios dos Simples* (Goa, 1563) foi, durante séculos, a única fonte de elementos biográficos relativos a Garcia de Orta. (BNP, RES 456P)

Primeiras representações

Dada a aparente raridade de volumes da edição *princeps*, ao longo do século XVI e inícios do XVII, as alusões à vida e obra de Garcia de Orta foram relativamente escassas e basearam-se nos elementos contidos nos textos de Clusius e de Cristóvão da Costa.⁶

⁵ Sobre a novidade da metodologia de construção do saber proposta por Orta, ver: Loureiro 2012: 41-72; Pimentel & Soler 2014: 101-120; Carvalho 2015a: 203-237; Soler & Pimentel 2015: 89-105. Sobre a recepção da obra na Europa coeva, ver, entre outros, Egmond 2015: 167-194 ou Pardo-Tomas 2015: 195-212.

⁶ As notas biográficas sobre Orta que circularam na Europa resultaram, em grande parte, das referências postas em circulação através do epítome latino de Clusius,

Só na centúria seguinte, com a publicação, em Espanha e Portugal, de obras de maior fôlego, como a *Bibliotheca Hispana*⁷ ou, em especial, a *Bibliotheca Luzithana*⁸, voltaram a circular elementos biográficos ditados por Garcia de Orta.

Partindo de um exemplar da edição de Goa, Diogo Barbosa de Machado (1682-1772), privilegiou algumas notícias narradas por Orta ou informações reunidas nos textos preliminares de *Colóquios dos Simples*.⁹

Escreveu o religioso:

Natural da Cidade de Elvas donde depois de estar instruído com os primeiros rudimentos passou a Castela, e nas Universidades de Alcalá e Salamanca frequentou o estudo da Medicina em que recebeu o grau de Licenciado. Restituído a Portugal, foi Lente de Filosofia na Universidade de Lisboa até ao ano de 1534 em que se embarcou com o lugar de Médico d'el Rei para a Índia na armada composta por cinco Naus de que era Capitão-Mor Martim Afonso de Sousa de cuja família era doméstico, e com ele se

Aromatum et Simplicium (Antuérpia, 1567). Este, através das sucessivas edições ou das versões italianas e francesas de que foi alvo, teve ampla difusão na Europa. Também o *Tractado de las Drogas* (Burgos, 1578) de Cristóvão da Costa, médico português que conheceu Garcia de Orta em Goa, contribuiu para difundir na Europa a imagem do médico.

⁷ No século XVIII, século da compilação do saber em grandes enciclopédias e da consolidação das Academias, surgiram obras de âmbito “universal”. Ao longo da centúria, multiplicaram-se os volumes com compilações de elementos biográficos. Para além das *Bibliotecas*, outras obras de temas mais específicos, como a de (Lémery, 1760) incluíam elementos biográficos. Sobre Orta na *Bibliotheca Hispana*, ver: Antonio 1963, I: 515.

⁸ A *Biblioteca Lusitana* (Lisboa, 1741-1759) foi a primeira grande obra bibliográfica publicada em Portugal. Organizada em quatro volumes nela se compilou a informação bio-bibliográfica que, então, se encontrava dispersa. Da autoria de Barbosa de Machado, um dos sócios fundadores da Academia Real de História, este empreendimento valioso deu a conhecer as obras e vidas dos mais destacados autores portugueses.

⁹ No caderno de textos preliminares, para além do Privilégio concedido pelo Conde Vice-Rei da Índia, dos escritos que Garcia de Orta endereçou a Martim Afonso de Sousa ou da Ode dirigida ao Conde de Redondo, da autoria de Luís de Camões, encontra-se uma carta ao leitor, redigida por Dimas Bosque – o físico-mor de D. Constantino de Bragança. A este médico valenciano, que Orta fez entrar no Colóquio 58^o como interlocutor “Dimas”, deveu-se igualmente a redacção de uma epístola em latim dirigida a Tomás Rodrigues da Veiga – um dos mais destacados médicos da Universidade de Coimbra. Na carta ao leitor que Bosque redigiu, encontram-se alguns dos elementos biográficos aos quais os estudiosos recorreram para descrever o percurso de Garcia de Orta. Sobre os paratextos de *Colóquios dos Simples*, ver: Puga 2008: 119-134 e Carvalho 2015b: 63-94.

achou no ano seguinte de 1535 na fundação da fortaleza de Dio como escreve no Colóquio 35. Tendo adquirido a mais profunda noticia Arte Medica praticada pela larga experiência de quarenta anos, assim na Europa como na Ásia, se aplicou à investigação das virtudes das plantas, e ervas que produziam as Regiões Orientais devendo-se à sua incansável diligência manifestar as qualidades que estavam ocultas naquela vegetativa república, das quais, por falta de exame, e conhecimento tinham escrito tantas fábulas muitos autores assim antigos como modernos. O método com que triunfou das doenças mais rebeldes, e a vasta ciência que tinha da Botânica lhes conciliaram a estimação não somente dos Governadores do Estado da Índia, mas ainda muitos Reis Gentios principalmente do Nizamaluco que muitas vezes o chamou para o curar dando-lhe cada vez que vinha à sua presença doze mil pardaus, e oferecendo-lhe quarenta mil de estipêndio se quisesse assistir-lhe quatro vezes cada ano. Para utilizar o público com as contínuas vigílias que aplicara na investigação das plantas medicinais de que é fecundo terreno a Índia Oriental compôs: *Colóquios dos Simples*. (Machado, 1966: 325-327)

Anos mais tarde, já na primeira metade do século XIX, foram publicadas, em Espanha, duas importantes Histórias da Medicina.¹⁰ As entradas relativas a Garcia de Orta apresentadas nestes volumes baseavam-se em registos em circulação e revelavam algumas impressões. Assim, na *Historia General de la Medicina Española*, escreveu Anastasio Chinchilla (1801-1867):

GARCIA HORTA, portugués: fue medico del virrey de las Indias Orientales, en las cuales ejerció la profesión por espacio de treinta años. En todo el tiempo que en ellas permaneció se dedicó al estudio de la historia natural, en la que poseía muy vastos conocimientos. Escribió dos libros sobre los medicamentos simples que se traían de la India: de ellos se han hecho varias ediciones tanto en latín como en castellano y portugués, todas ellas ya bastante raras. (Chinchilla 1841, I: 468-470)¹¹

Poucos anos mais tarde, surgiu em Madrid um outro registo biográfico sobre o médico português. Trata-se da *História Bibliográfica de la Medicina Española*, da autoria de Antonio Hernández

¹⁰ Para um recente estudo sobre estas obras, ver: Aguirre Marco *et al* 2008.

¹¹ Aparentemente Chinchilla consultou o epítome latino de Clusius que é composto por duas partes: *Aromatum et Simplicium Medicamentorum Historiae Liber I e Indicarum Aliquot Plantarum Historiae, Liber II*. Como acontecia com frequência, muitos dos autores que se referiram à obra de Garcia de Orta desconheciam a edição prínceps publicada em Goa. Sobre Chinchilla, ver: Fresquet Febrer 2008: 49-120.

Morejón (1773-1836). A entrada relativa ao físico português revela algumas incongruências, como é o caso das suas supostas deambulações americanas ou a inclusão no volume de ilustrações de plantas asiáticas.

GARCIA DE ORTA. Portugués, médico en las Indias Orientales, y hombre de gran ingenio, y puritísimo botánico. Dedicado por muchos años á la herborización por los países americanos, había adquirido un jardín y algunos campos donde tenía recogidos los más raros vegetales de aquellas regiones, de cuyo examen dio parte á los europeos. Debemos le, pues, muchas noticias que con suma diligencia y gusto adquirió, no solo de varias plantas desconocidas y de sus virtudes, sino también de otras cosas que tienen relación con la medicina; y para que la obra que escribió sobre el particular quedase lo más perfecta posible, la enriqueció también con varias pinturas y dibujos, representando las plantas más raras de los referidos climas orientales. Esta obra en diálogo la vertió primeramente en latín, y después en su dialecto natural. (Hernández Moréjon 1843, III: 107-108).¹²

Na primeira metade do século XIX, foi desta forma que Garcia de Orta surgiu nos textos castelhanos.¹³

Em Portugal, no mesmo período, vieram a lume novos estudos bibliográficos. Dando continuidade ao trabalho iniciado por Barbosa de Machado, o *Dicionário Bibliográfico Português* complementou e aprofundou as entradas e referências relativas a autores e às suas obras. Neste *Dicionário*, a longa entrada relativa a *Garcia d'Orta* atesta o crescente interesse dos intelectuais pela vida e obra do médico.¹⁴ Datam desta altura as primeiras descobertas arquivísticas relativas a Orta. Após a redacção da entrada sobre o médico, Inocêncio Francisco da Silva teve conhecimento de uma informação publicada por Pedro José da Silva na qual este afirmava que encontrara no *Livro de Chancelaria de D. João III*, uma carta relativa a Garcia de Orta, passada por Diogo Lopes, físico-mor do Rei. Este documento reconhecia os estudos médicos de Orta e autorizava-o a praticar medicina (*Chanc. de D. João III*, liv.36, fl.97).

¹² Sobre Hernández Morejón, ver: Lopez Terrada 2008: 9-48 e Aguirre Marco 2008: 121-198.

¹³ Outros autores, como Miguel Colmeiro, apresentaram detalhadas entradas relativas às múltiplas versões e traduções de *Colóquios dos Simples*. No entanto, não incluíram qualquer inovação relativamente à biografia de Orta. Ver: Colmeiro, 1858: 56.

¹⁴ Ver: Inocêncio Francisco da Silva 1858, III: 437-440.

Na segunda metade do século XIX circularam novas notícias sobre Orta. No âmbito da renovação historiográfica iniciada pela Academia das Ciências foram editados textos e publicados estudos de grande relevância para a História de Portugal. Seguindo o impulso dado pelas elites intelectuais para a recuperação dos textos ligados à Expansão portuguesa e aliando a fundamentação da narrativa histórica ao suporte de uma argumentação política, surgiram nesta época, em Portugal, estudos que comemoravam os feitos passados e legitimavam a presença dos portugueses nos territórios ultramarinos. A par de minucioso trabalho editorial conduzido pelo Cardeal Saraiva (1766-1845) surgiu o de outros investigadores, como o de António Ribeiro Santos (1745-1818), que versava sobretudo temas de cartografia e matemáticas antigas ou o de Sebastião Trigo (1773-1821), que publicou entre 1812 e 1856 a *Colecção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas, que vivem nos domínios Portugueses ou lhe são vizinhos*. Data também desta época a obra ímpar da História da cartografia portuguesa publicada pelo Visconde de Santarém (1791-1856).

Na sua obra, o Cardeal Saraiva debruçou-se sobre a figura e obra do físico português.¹⁵ Tal como havia feito Barbosa de Machado, o religioso baseou as notícias biográficas sobre o médico nos elementos constantes nos textos preliminares. Para além destas curtas notas, listou ainda nesta entrada todos os tratados sobre drogas orientais que, publicados por médicos e botânicos europeus de Quinhentos e Seiscentos, se baseavam na obra de Orta e atestavam a relevância e a boa recepção de *Colóquios dos Simples*.

¹⁵ Francisco de São Luís Saraiva, Patriarca de Lisboa, foi uma eminente figura da vida portuguesa. Para além dos altos cargos políticos e religiosos que desempenhou, foi autor de uma vasta obra impressa. Nas palavras do Marquês de Rezende, o responsável pela compilação póstuma dos trabalhos do religioso, o “espírito enciclopédico do sábio Cardeal abrangia com uma prontidão extraordinária todos os conhecimentos”. A lista das suas obras é vasta. Integra capítulos da história eclesiástica, apontamentos históricos e cronológicos, notícias sobre as navegações e conquistas e outros temas relevantes para a afirmação da identidade de Portugal. No volume VI das *Obras Completas* encontram-se os *Estudos bibliográficos, Históricos e Críticos. Acerca das navegações, viagens, descobrimentos e conquistas dos portugueses*. Na listagem de personalidades, que segue a ordem alfabética dos “escritores portugueses que trataram dos nossos descobrimentos e navegações”, encontra-se, no nº64, uma notícia de extensão considerável relativa a Garcia d’Orta.

Foi por esta época que surgiram dois projectos quase simultâneos, de edição de *Colóquios dos Simples*.¹⁶ A segunda edição da obra veio a lume em 1872. O seu autor, Francisco Adolfo Varnhagen (1816-1878), contou com o apoio da Academia das Ciências de Lisboa.¹⁷ Esta edição não compreendia um estudo biográfico sobre o médico pelo que pouco acrescentou aos escassos dados que até então se haviam compilado sobre Garcia de Orta. Teve, no entanto, a enorme virtude de devolver aos leitores de português, uma nova versão do texto original. Uma terceira edição surgiu anos mais tarde, em 1891-1895. Esta preciosa publicação, profusamente anotada e comentada, constituiu um minucioso trabalho da autoria do Conde de Ficalho.¹⁸ Foi precedida da publicação, em 1886, de *Garcia da Orta e o seu tempo*. Esta obra mudou, definitivamente, o balbuciante percurso que, até então, tinham realizado os estudos biográficos sobre Garcia de Orta e contribuiu para a construção de uma nova imagem do médico.

A criação de uma nova imagem de Garcia de Orta: O diálogo do Conde de Ficalho com *Colóquios dos Simples*

Francisco Manuel de Melo Breyner (1837-1903) formou-se na Escola Politécnica em 1860.¹⁹ Ilustre representante dos intelectuais portugueses dos finais do século XIX, Mordomo-mor do Rei D. Carlos, foi feito *Par do Reino* em 1881 e, mais tarde, Conselheiro de Estado. Elemento imprescindível do grupo “Os Vencidos da Vida” evidenciou-se na comunidade erudita pelas suas múltiplas compe-

¹⁶ Desde os inícios da década de 1840, a Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, acalentava um projecto de edição de *Colóquios dos Simples* que, por circunstâncias diversas, não vingou. Para uma história da edição, ver: Iria, 1963: 833-856 e Carvalho 2012: 99-155.

¹⁷ Varnhagen, Barão de Porto Seguro, foi diplomata, investigador e historiador brasileiro. Autor de uma extensa obra, publicou estudos em áreas temáticas tão diversas como a Literatura, a Filologia, a Etnografia ou a História. Para além de editor da *História Geral do Brasil* (Rio de Janeiro, 1854-1857), editou diversos textos quincentistas, de entre os quais se destaca aquele que, no âmbito deste ensaio, nos importa referir: a 2ª edição de *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, (Lisboa, 1872).

¹⁸ Esta edição tornou-se, desde logo, a edição de referência para qualquer estudo sobre Orta. Foi a partir desta que surgiram as versões inglesa (Orta, 1913) ou francesa (Orta, 2004). No âmbito deste ensaio recorro a esta edição que refiro como: (Orta, 1891) ou (Orta, 1895).

¹⁹ O Conde de Ficalho é uma figura ímpar da história científica e cultural de Oitocentos. No âmbito deste curto ensaio apenas apresento algumas notas biográficas que considero serem as mais relevantes para a sustentação do argumento em apreço.

tências.²⁰ Sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa e da Sociedade de Geografia de Lisboa, Inspector-Geral das Belas-Artes, destacou-se pela profundidade das suas pesquisas. Lente e Director do Instituto Agronómico e Veterinário foi Lente na Escola Politécnica desde 1864.²¹ Com Andrade Corvo, foi responsável pela implementação, em 1878, do Jardim Botânico daquela Escola de Lisboa. A sua obra, para além de temas botânicos incluiu estudos de investigação histórica e alguns contos. Entre os títulos que editou, destacam-se: “Apontamentos para o estudo da Flora portuguesa”, 1878; “Notícia de alguns produtos vegetais importantes ou pouco conhecidos da África portuguesa”, 1878; *Memória sobre a influência dos portugueses no conhecimento das plantas. Memória sobre a malagueta*, 1878; *Flora dos Lusíadas*, 1880; *Plantas úteis da África Portuguesa*, 1884; *Garcia de Orta e o seu tempo*, 1886; *Scenas de Provincia*, 1886; *Uma eleição perdida*, 1888; *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, 1891-1895; *As viagens de Pêro da Covilhã*, 1898 e *As rosáceas em Portugal*, 1899.²²

²⁰ No final do século XIX, surgiu em Portugal um destacado grupo, os *Vencidos da Vida*. Estes homens intensificavam os seus convívios semanais em suas casas, no Café Tavares ou no Hotel Bragança. O *grupo jantante*, composto por uma distinta clientela, reunia nomes como os de Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Ribeiro da Costa, Guerra Junqueiro, Conde de Ficalho, Lima Meyer, Lobo de Ávila, Eça de Queirós ou Conde de Sabugosa. Estes literatos e aristocratas lamentavam o descalabro da situação nacional e depositavam no novo Rei a esperança na recuperação do país.

²¹ Para a consolidação e validação dos seus conhecimentos botânicos Ficalho correspondia-se com numerosos estudiosos e naturalistas europeus. Com estes partilhava saberes e dúvidas e trocava sementes e plantas. O testemunho desta sua integração na rede internacional de produção e circulação de saber está patente na correspondência que trocou com alguns dos mais eminentes sábios do seu tempo ou nas pesquisas conjuntas que realizou. De entre estas destaca-se a obra que publicou com W.P. Hiern no final da década de 1880. Sobre esta plena integração de Ficalho nas redes de produção de saber ver, por exemplo, os artigos publicados por Ruy Telles Palhinha assim como os estudos editados por Cassiano Neves, Eduardo Burnay ou Joaquim Veríssimo Serrão. Saliente-se ainda que, desta ampla rede de contactos faziam também parte ilustres Orientalistas, como José Gerson da Cunha (1844-1900), que lhe enviavam amiúde informações provenientes dos arquivos do Oriente. Sobre Gerson da Cunha, ver: Vicente 2010.

²² Ficalho divulgou as suas pesquisas através do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa ou do *Jornal de Ciências Mathematicas, Physicas e Naturais*. Para além destes trabalhos de índole científica, colaborou com periódicos como a *Imprensa, Revista Científica, Literaria e Artística*, Escrevia ainda para a *A Semana de Lisboa e O Repórter*. Colaborava com regularidade com *A Tradição, Revista mensal d'ethnographia portugueza*. Após a sua morte, a revista publicou um número evocativo da sua memória no qual participaram as mais destacadas figuras portuguesas. Por ocasião do seu desaparecimento, também a Sociedade de Geografia de Lisboa organizou uma sessão

Personagem invulgar na sociedade portuguesa foi, como disse Ramalho Ortigão,

Homem de corte, homem do campo, homem de estudo, naturalista, literato, artista, poeta, historiador, agrônomo, mordomo-mor do Paço, estadista no Conselho de Estado, legislador na Câmara dos Pares, professor na Escola Politécnica, embaixador na corte da Rússia, presidente na Academia, lavrador em Serpa, hábil condutor de cavalos e de *cotillons*, cavaleiro, caminheiro, corredor de lebres, caçador de perdizes, conversador exímio entre princesas reais, e entre almocreves e carreiros; falando com igual facilidade a língua aristocraticamente sublimada das primeiras Cortes da Europa e a língua ríspida e crua dos eguariços, dos rabadões e dos malhadeiros das herdades. (Ortigão, 1919).

Este retrato pitoresco e íntimo do aristocrata, traçado em Junho de 1903 por um dos seus companheiros, ainda emocionado com o seu recente desaparecimento, realça bem o perfil plural e multifacetado de Ficalho, que tanta admiração despertou entre os seus contemporâneos.

Uma das obras de mais relevo que publicou foi a 3ª edição de *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*. As investigações que conduziram à edição dos dois volumes desenvolveram-se ao longo de vários anos. Aos seus amigos não escapou o entusiasmo e paixão com que se dedicou à obra e ao autor. O Conde de Arnoso, no elogio póstumo que lhe devotou, ao recordar a visita, que em 1883, tinham feito a Eça de Queiroz, na altura ainda Cônsul em Bristol, destacou o momento da passagem por Salamanca:

Madrid, de onde apenas regressávamos, era posta de parte por Ficalho que a conhecia de sobra e que, com o seu Garcia de Orta já entre mãos, não prescindia de uma visita a Salamanca [...] Estou ainda a vê-lo na estação de Salamanca, entrando no meu compartimento a passear já Garcia de Orta, como depois fez no livro. (Arnoso, 2008: 39)

Alguns anos volvidos sobre este episódio, ao publicar *Garcia da Orta e o seu tempo*, Ficalho testemunhou a complexidade da tarefa com que se tinha deparado:

solene evocativa da sua vida e obra. A organização desta cerimónia no âmbito dos trabalhos da Sociedade Científica atesta bem o reconhecimento das elites portuguesas pelo elevado valor científico do trabalho produzido por este seu notável associado.

Tendo recebido da Academia Real das Ciências de Lisboa, o honroso mas difícil encargo de dirigir e anotar uma edição crítica de *Colóquios* de Garcia de Orta, procurei reunir alguns dados para escrever uma curta biografia do célebre naturalista português, destinada a ser impressa com a nova edição do livro. À medida, porém, que avançava no meu trabalho, reconhecí a necessidade de colocar a sua interessante figura no quadro onde se moveu, e de estudar um pouco a época para compreender melhor o homem. [...] Não tinha, nem o vagar, nem o ensejo, nem sobretudo a aptidão e o preparo necessários para fazer pesquisas nos manuscritos em busca de factos ou apreciações inéditas. Contentei-me, portanto, com o que por aí anda publicado, e é do domínio de todos. Isto mesmo é já bastante; e as notas foram-se acumulando por um modo absolutamente imprevisto. Quando, depois, tratei de as ordenar, [...] vi desde logo, que a projetada biografia tomava proporções inesperadas, e ficaria deslocada na reimpressão dos *Colóquios*. Daí nasceu o presente livro, feito quase involuntariamente, e sob a solitação irresistível do assunto. (Ficalho 1886: v-vii).

Complementando a enorme admiração que nutria pela personagem desenhada pelo médico com uma aturada pesquisa documental, o botânico recriou uma personalidade ímpar da História Cultural do Renascimento. Uma figura com a qual se identificou, na qual se projectou e que consolidou, na Europa do seu tempo, um novo saber médico-botânico.



Figura 2. Fruto de um diálogo permanente entre o Conde de Ficalho e *Colóquios dos Simples*, em *Garcia da Orta e o seu tempo*, o biógrafo estabeleceu uma nova imagem para Garcia de Orta.

Os tempos do Conde de Ficalho

A obra de Ficalho inseriu-se num amplo contexto editorial. Por um lado, seguia a voga da edição de fontes quinhentistas produzida em Lisboa ou no Oriente pela classe erudita.²³ Por outro, acompanhava o levantamento de dados ou de demarcação de fronteiras dos espaços coloniais, conduzido por técnicos e engenheiros.²⁴ Num momento em que as potências europeias ameaçavam apoderar-se das colónias africanas, urgia enaltecer e celebrar a grandeza dos feitos de um magnificante passado imperial. Partindo do incontestável valor de *Os Lusíadas*, condensaram-se em Luís de Camões muitas das glórias passadas. Neste contexto, parece justificar-se a ênfase e empenho com que, em 1880, foi celebrado o Tricentenário da sua morte (1580-1880).²⁵

Foi na sequência destas grandiosas comemorações que Ficalho trabalhou sobre a figura de Garcia de Orta. Em *Garcia da Orta e o seu tempo*, Ficalho fez reviver o médico. Inscrevendo o seu nasci-

²³ No Oriente, o intenso trabalho de arquivo conduzido por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (1809-1879) trouxe a lume numerosos documentos sobre a presença dos portugueses na Ásia até então desconhecidos [*Arquivo Português-Oriental* (1857-1876)]. Para o estudo sobre o tempo de Orta, Ficalho pode, por isso, aceder, a esta preciosa documentação. Sobre este importante momento de reconstrução da imagem dos portugueses em Goa, ver: Vicente 2014:319-342.

²⁴ Não podendo, no âmbito deste ensaio aprofundar o tema, parece importante integrar a temática da obra publicada pelo Conde de Ficalho na agenda política e científica do seu tempo. Sobre este contexto ver, por exemplo, os estudos de: Santos 1978: 237-281, Santos 1991: 1-13; Nowell 2000: 189-204, Jerónimo 2012, Macedo 2012 ou Vicente 2014. Note-se ainda que, em 1881, foram publicados os relatos das viagens africanas de Serpa Pinto e de Capello & Ivens.

²⁵ A iniciativa desta comemoração partiu de Teófilo Braga. Coube-lhe a tarefa de organizar os trabalhos da Comissão das Comemorações do Tricentenário. Para Braga, as celebrações em torno deste “Grande Homem” do século de ouro imperial recordavam ao mundo as glórias passadas e propiciavam o início de uma nova era para Portugal. Incentivando todo o povo de Lisboa a participar no cortejo que conduziu os restos mortais do poeta desde o Terreiro do Paço até aos Jerónimos, estas comemorações uniram os portugueses em torno de um símbolo nacional. Sobre estas comemorações há uma profunda investigação publicada que, no âmbito deste ensaio, não poderei detalhar. No entanto, neste contexto importa recordar que Luís de Camões havia conhecido Garcia de Orta em Goa e que a sua primeira Ode impressa integrava o caderno de textos preliminares de *Colóquios dos Simples*. Sobre esta Ode, ver Braga 1867. Sobre a relação entre Camões e Orta ver: Ficalho 1880: 13-28.

mento na última década do século XV, mas desconhecendo a identidade de seus pais, aceitou a sugestão de Barbosa de Machado, que apontou Elvas como a sua vila de origem. Relatou depois, com grande detalhe, os estudos médicos em Salamanca e Alcalá. Para exemplificar o empenho de Ficalho na criação desta imagem, parece importante destacar a forma como descreveu a passagem do seu biografado pela universidade de Salamanca. Aparentemente, não possuía mais elementos ilustrativos desta fase da vida de Orta do que aquela simples nota que o Licenciado Dimas Bosque dirigiu ao Leitor, na qual se lia:

Saindo ensinado nos princípios de sua faculdade das insignes Universidades de Alcalá e Salamanca trabalhou de comunicar o bem da ciência que na terras alheias tinha alcançado, com sua própria pátria, lendo nos Estudos Gerais de Lisboa por alguns anos com muita diligência e cuidado e exercitando-se na cura de doentes até vir a estas partes da Ásia. (Orta 1891: 10)

Tal facto não impediu Ficalho de narrar de forma que, apesar de revelar o brilho da sua escrita, realçou a sua visão romântica e o estilo histórico muito ficcionado tão em voga no final do século XIX. Para representar Garcia de Orta, o biógrafo esboçou a imagem de uma personagem exemplar desde a juventude:

O seu [de Garcia de Orta] espirito tranquilo, metódico, e por vezes mesmo meticuloso, o seu amor às miúdas averiguações científicas levam-me a crer, que ele fosse desde o começo um estudante aplicado e modelo, o que os franceses hoje chamam um *piocheur*. Imagino que ele se teria alojado em alguma modesta e respeitável casa de pupilos, e seguiria com assiduidade as preleções dos regentes em Artes, ou as leituras de Prima, Véspera e Sexta. Às tardes desceria pela porta do Rio, a tomar o fresco sobre a grande ponte romana [...]. Algumas vezes alongaria os seus passeios pelas margens do Tormes, por entre as frescas hortas e pomares da vasta campina [...]. Depois, já candeias acesas, subiria as ruas estreitas da velha Salamantica, recolhendo-se prudentemente a casa, e revendo aí os seus temas de grego, ou as *Summulas logicales* do mestre Pedro Hispano, fazendo assim vida *honestae et buena*, como queria o sábio rei. (Ficalho 1886: 5-6)

O Conde de Ficalho situou o regresso a Portugal do jovem licenciado cerca de 1525. Baseou-se para tal, em dois documentos redigidos em Almeirim e extraídos da Chancelaria de D. João III, que transcreveu na íntegra. O primeiro, datado de 5 de Abril de 1526,

autorizava o licenciado Garcia de Orta a andar de mula (*Chanc. de D. João III*, liv.12, fl.43v). O segundo, atrás mencionado, datado de 10 de Abril de 1526, atestava que o “doutor Diogo Lopes cavaleiro da ordem de Cristo e físico mor” reconhecia os estudos médicos de Orta e que o autorizava a praticar medicina. (*Chanc. de D. João III*, liv.36, fl.97).

Pela leitura destes documentos podemos verificar que, ao regressar a Portugal, Garcia de Orta se instalou em Castelo de Vide. Se bem que Ficalho tenha tentado justificar esta migração do recém-licenciado para a vila alentejana alegando razões profissionais ou familiares, só anos mais tarde, na década de 1930, Augusto da Silva Carvalho esclareceu este detalhe biográfico.²⁶ Assim, partindo daquela breve nota contida no documento régio “morador em Castelo de Vide”, Ficalho não se coibiu de descrever o quotidiano do médico:

Por ali [Castelo de Vide] ficou alguns anos, levando a vida monótona de um médico de província, relendo os seus livrecos, conversando às tardes na botica, e percorrendo as estradas da serra, montado no seu cavaleiro. [...] Desta modesta fase da sua vida, não ficaram naturalmente vestígios, e só tornamos a ter notícias suas, passados seis anos, quando vem reger a cadeira de *Sumulas* na universidade de Lisboa. (Ficalho 1886:39)

Socorrendo-se das diminutas notas que encontrou nos livros manuscritos da universidade de Lisboa, e apoiando-se no testemunho de Dimas Bosque, descreveu a breve passagem de Orta pelos Estudos Gerais de Lisboa. Segundo explicou, Garcia de Orta começou por ser Lente de *Sumulas* em 1532.²⁷ Aparentemente, esta tarefa foi-lhe atribuída *por encomenda* e com carácter provisório. De acordo com os estatutos universitários, a atribuição de docentes às disciplinas fazia-se por *oposição*. Os *opositores*, depois de apresentarem provas públicas, lições e argumentos, eram eleitos por votação. Este mecanismo era, no entanto, desnecessário quando se procedia a

²⁶ Na sequência da aturada pesquisa realizada por Silva Carvalho aos processos de Inquisição movidos contra a irmã do médico, seus familiares e gentes da sua relação, Castelo de Vide foi identificada como vila de origem de Garcia de Orta. Carvalho 1934: 61-246.

²⁷ Sobre a passagem de Garcia de Orta na Universidade de Lisboa veja-se o trabalho de Joaquim Teixeira de Carvalho na qual se evidencia que o licenciado Orta ensaiou, sem sucesso, várias aproximações aos Estudos Gerais. Ver: Carvalho 1924. Tais informações comprovam que o médico, desde o seu regresso de Espanha, manifestava vontade de se transferir para Lisboa.

substituições por períodos curtos. No entanto, no final do ano lectivo, o concurso deveria ter sido aberto a outros candidatos. Tal não sucedeu, permanecendo Orta a ler as *Sumulas*. Ficalho justificou este facto pela desorganização que então se vivia nesta instituição lisboeta. Garcia de Orta continuou a desempenhar funções docentes na Universidade de Lisboa, até Março de 1534. Como referiu o biógrafo, na *tabula legentium* 2^a, 3^a, ou *relação dos que leram na segunda terça do anno lectivo de 1534*, pode ler-se: “Aos dezasseis dias do mês de Março começou a ler Ayres de Luna a cadeira de Artes que foi do L^{do} Orta.” (Ficalho 1886: 46-47). A data assinalada no documento é perfeitamente plausível já que se sabe que Garcia de Orta partiu para Oriente a 12 de Março de 1534 como médico privado de Martim Afonso de Sousa. Levantando algumas hipóteses que poderiam ter justificado a brusca partida do médico para o Oriente, o Conde destacou a importância decisiva de Martim Afonso de Sousa, nesta abrupta decisão do médico.²⁸ Baseando-se nos escritos de Orta, o Conde de Ficalho redesenhou a longa amizade que ligou Garcia de Orta a Martim Afonso de Sousa. Desde as primeiras linhas do tratado, Garcia de Orta não escondeu a admiração pelo fidalgo a quem, de certa forma, responsabilizou pela iniciativa editorial: “e porque o vosso [Martim Afonso de Sousa] conselho é mandado para mim, determinei de fazer este breve tratado [*Colóquios dos Simples*].” (Orta 1891: 4)²⁹

Ao descrever, de forma ricamente ilustrada, os principais momentos que Garcia de Orta passou no Oriente como médico de Martim Afonso de Sousa, Ficalho detalhou o quotidiano de um sábio europeu por terras asiáticas.³⁰

Garcia de Orta: um médico rodeado de gentes de confiança

²⁸ Sobre Martim Afonso de Sousa ver: Albuquerque 1989: 65-84 e Pelúcia 2009: 140-286. Sobre a relação entre Garcia de Orta e o fidalgo, ver: Carvalho 2015b: 63-94 e Carvalho, 2016: 232-251.

²⁹ Para além da Carta dedicatória que dirigiu a Martim Afonso de Sousa, Orta referiu-se àquele “illustrissimo senhor”, de quem se afirmou “criado”, com enorme admiração. Ao fidalgo pediu protecção para o seu livro contra o “ocioso povo e mordaces linguas” (Orta 1891: 4-5).

³⁰ Residente 30 anos no Oriente desempenhando funções de médico de Governadores e prelados, não deixa de ser notório o silêncio dos cronistas em relação à figura de Garcia de Orta. No entanto, em carta enviada de Goa, em 1559, o então ainda irmão Luís Froes deu conta da participação do “já decrépito Doutor Orta” como jurado numa cerimónia académica aparatosa que teve lugar naquela cidade. Este facto parece atestar o crédito de que gozava o médico perante as elites portuguesas.

Foi nas conversas entre os dois interlocutores do tratado – “Ruano” e “Orta” – que o Conde de Ficalho se baseou para retirar elementos esclarecedores sobre momentos da vida do médico. Foi o fio desta meada que o botânico fiou, desembaraçou e teceu. O biógrafo não só tomou à letra cada testemunho de “Orta” como acrescentou alguns detalhes que tornaram ainda mais verosímil a personagem que criou.

Aludindo à visita ao mercado de Diu, afirmou “Orta”:

Andava eu [Orta] ocioso, vendo a opulência e trato dessa cidade [Diu], e estando uma tarde no bazar (a que nós chamamos praça ou feira) assentado à porta um mercador (aos quais eles chamam Baneanes) passou por sua porta uma mulher com um saco de turbit já seco, e lho vendia; e eu como conhecia a mezinha, e havia ouvido dizer que dali o levavam para as naus, perguntei ao Baneane que era aquilo, e ele me disse que era terumbu. (Orta 1895:329)

Sobre a oportunidade deste episódio escreveu Ficalho:

Martim Afonso foi correndo a costa devagar, entrando e demorando-se em diversos pontos, e nomeadamente na baía, hoje chamada de Bombaim. Levava consigo Garcia de Orta, o qual, desejoso de se instruir, e curioso de ver as novidades daquela célebre e apregoada região, não perdeu os numerosos ensejos de ir a terra, que lhe proporcionava decerto, uma navegação costeira e vagarosa. (Ficalho 1886:90)

Mais abaixo continuou o botânico:

Garcia de Orta devia passar ali [mercado de Diu] tardes excelentes, examinando o ópio, o gengibre, e a pimenta, perguntando pelo maná, ou pelo misterioso amomo, emendando os erros cometidos por Plínio, verificando algumas asserções de Dioscórides ou de Avicena, sorrindo ao lembrar-se das inexactidões, que na Europa acumulavam o douto Manardo, ou o erudito Ruélio. (Ficalho 1886: 98)

Sem outros elementos mais concretos, o biógrafo esboçou para o “naturalista”, forçado em 1536 a invernar no Malabar, a mesma intensa actividade de investigador e curioso:

Decerto não perdeu as horas desta longa invernagem [no Malabar], que deviam ser mortalmente fastidiosas [...] mas passavam rápidas para o naturalista, ocupado em ver, observar e comparar muitos objectos novos e interessantes, ou em reler e anotar o seu

velho Dioscorides e o seu pesado Avicenna, que seguramente levava a bordo, no fundo do cofre, com os frascos e redomas da botica. (Ficalho 1886: 130) ³¹

A imagem do médico proposta por Ficalho, para além dos episódios sugeridos por Garcia de Orta, encontrava-se ancorada em relatos textuais e testemunhos visuais coevos. Na descrição da vivência do dia-a-dia do físico em Goa encontramos elementos e personagens semelhantes aos que Linschoten incluiu na “Representação fiel da feira de Goa, com as suas lojas, mercadorias e comerciantes quotidianos.” Muito provavelmente, testemunhos visuais como este, foram usados por Ficalho para a construção de uma narrativa plausível.



Figura 3 – A descrição do quotidiano de Garcia de Orta narrada por Ficalho segue, de muito perto, o testemunho visual publicado por Jan Huygens van Linschoten *Itinerário* (1605) [1596].

Escreveu Ficalho:

De manhã ainda cedo saíra já da sua visita ao hospital de el-rei, onde havia talvez encontrado á cabeceira de um doente o padre mestre Francisco Xavier. Vestido na sua cómoda loba negra, acompanhado pelo seu *boy*, que lhe levava o sombreiro, tomava, ao sair do hospital, a viela tortuosa que corria ao longo da cerca de S. Francisco, e vinha dar á casa dos Contos, virando ali para o terreiro do Sabaio, trocando no caminho algumas saudações com os contadores e vereadores seus amigos, que a essas horas se dirigiam para as repartições. Ao desembocar do terreiro para a rua Direita encontrava ainda o leilão da manhã em toda a

³¹ Não deixa de ser curiosa a referência ao “naturalista”, um evidente anacronismo de Ficalho para se referir a um estudioso de Quinhentos.

sua animação. A rua apinhada de gentes, as escravas passando em grupos para as compras, e as *boticas* de panos, de sedas, de ourives, largamente abertas ao vai vem dos fregueses. Ao meio da rua, á roda de uma mesa, dous ou três escrivães tomavam notas, enquanto os pregoeiros, rodeados de curiosos e compradores, iam sucessivamente pondo em praça os vestidos velhos, as arcas ou as jóias de algum espolio, liquidado em arrematação judicial. [...] Agora descia a rua um mouro grave, ricamente trajado, rodeado por um séquito numeroso; era o embaixador Ibraim Adil Shah, rei do Bijapur, a quem Garcia de Orta tirava o seu barrete, demorando-se respeitosa até que passasse. O velho médico ia assim dando a sua volta, parando nas portas dos mercadores seus conhecidos, trocando um cumprimento com o seu amigo Khuája Perculim, ou com Malupa, um colega indiano, descendo depois para o terreiro da Fortaleza, a saber as notícias políticas do dia. (Ficalho 1886: 175-176)

Apesar de não ter elementos para localizar com precisão a casa onde morava Orta³², Ficalho, recolhendo elementos dispersos nos *Colóquios*, não se coibiu de a descrever:

Ignoramos em que rua morava Garcia de Orta; mas sabemos que a casa se encontrava na parte alta da cidade e um tanto ocidental da cidade, pois ele via da varanda os navios que, depois de entrarem a barra, vinham subindo rio acima. Esta casa tinha, como muitas das de Goa, um grande quintal ou horta, onde, entre outras árvores, havia um negundo e vários jambos, que o próprio Orta plantara, e mostrava com prazer, esperando que lhe dessem boa e abundante fruta aos quatro anos.

E continuou,

Ali o velho naturalista vivia, sem fausto nem aparato; mas largamente à vontade, na existência tranquila e um tanto egoísta de um solteirão independente. (Ficalho 1886: 214-215)

E acrescentou:

Rodeado de escravas cuidadosas, arazoadamente rico, possuindo amigos que lhe mandavam presentes de todas as partes do Oriente, Orta passava a vida regalada, comendo bem, muito entendido nos segredos da cozinha luso-indiana. (Ficalho 1886:218)

³² A casa de Orta só foi localizada anos mais tarde por Silva Carvalho que analisou o processo de inquirição de Catarina de Orta, a irmã do médico que, desde a década de 1540 residia em Goa. Ver: Carvalho, 1934.

Do permanente diálogo com *Colóquios dos Simples* e da atenta consulta de outras fontes coevas, Ficalho extraiu elementos que restituíram a vida e devolveram o espaço onde Garcia de Orta viveu. Recuperando os figurantes que o físico fez deambular no seu relato, redesenhou as gentes que circulavam na sua casa para o servir.³³ Nas palavras de “Orta”, nesta casa entravam e saíam muitos viajantes, feitores ou aventureiros que lhe traziam informações ou espécimes para abrilhantar a sua colecção de raridades.

Escreveu o biógrafo:

De toda a parte lhe mandavam algumas drogas raras. Ele próprio corria os bazares, investigando e fazendo aquisições interessantes. Os seus armários estavam cheios de uma miscelânea científica extremamente curiosa [...] Com a mania de um verdadeiro colecionador ele não deixava escapar ocasião de aumentar o número dos seus exemplares; às vezes voltava da botica com as algibeiras cheias de folhas lanceoladas e trinervadas de *malabathrum*. (Ficalho 1886:218)

Ficalho atribui-lhe também uma bem recheada livraria, onde obras “que trouxera do Reino” viviam lado a lado com “outras que mandara vir” (Ficalho 1886: 218).³⁴ Apesar do seu prolongado afastamento dos centros europeus de produção de saber, o médico descrito por Ficalho evidenciava os parâmetros de erudição de qualquer sábio residente na Europa. Segundo o biógrafo, em casa de Garcia de Orta, o médico “reunia uma pequena sociedade de homens graves, que gostariam de passar as tardes praticando em assumptos curiosos, e *cousas boas pera saber*, como lhes chamava o próprio Orta.” (Ficalho 1886: 210)

Ficalho e os seus leitores do seu tempo

³³ Para além das servas que apresentavam viajantes (Orta 1891: 311; Orta 1895: 25); das empregadas que revelavam segredos locais (Orta 1895: 139); das negras que apresentavam as qualidades terapêuticas de produtos locais (Orta 1895: 163); das moças com quem aprendia novidades sobre as especiarias (Orta 1891: 280; Orta 1895: 9 e 320); e da compradeira com quem discutia sobre os paladares de legumes e frutas locais “Orta” e “Ruano” referiram-se à cozinha (Orta 1891: 279).

³⁴ Ao longo dos *Colóquios*, Orta referiu numerosos autores. Ficalho identificou a maioria das obras em causa. No entanto, para muitas delas, depois de as listar, admitiu a possibilidade de se tratar de citações de memória ou de referências em segunda mão. Ver: Ficalho 1886: 280-298. Sobre a possível composição da livraria de Orta ver também Loureiro 2008: 135-145.

Recuperando os elementos dispersos por Orta em *Colóquios dos Simples*, e suportando-se de documentos impressos e manuscritos que consultou em Arquivos, o Conde de Ficalho reabilitou uma imagem global do médico, que há centenas de anos estiolava nos *Colóquios*. Como exclamou o Conde de Arnoso: “Como ele [Ficalho] viveu Garcia de Orta!” (Arnoso 2008:39).

Apreciando as qualidades literárias da composição de Ficalho e reconhecendo o carácter romanceado da biografia que o botânico publicou, escreveu Eça de Queirós:

Esta sua obra [*Garcia da Orta e o seu tempo*] é *quelque chose de considerable*; os primeiros capítulos, feitos com tão poucos recursos de informação, quase apenas sobre uma linha, estão todavia tão habilmente arrançados, e com tão boa arte de composição, que nos fazem interessar pela biografia de um sujeito - que não tem biografia. O estilo é excelente, largo, sereno, líquido, grave, e tem aqui ou além, um toque de pitoresco, de ornamentação, que é sempre justo, nunca de mais e que dá cor e vida a tudo.³⁵

Da figura discreta que atravessou despercebida quatro séculos da nossa História, e da sua obra, que sobreviveu a custo à sombra do epítome latino de Clusius, submergiram, nos finais do século XIX, novas representações. Na verdade, de um conjunto disperso de notas, documentos e afirmações, o Conde de Ficalho fez renascer um mito. O seu trabalho e dedicação tornaram Garcia de Orta num dos grandes vultos da História científica portuguesa e o seu tratado, num dos mais valiosos contributos portugueses para a Ciência de Quinhentos.

Foi este devoto “homem de ciência” que Ficalho descreveu:

Um velho físico, inteligente e reflectivo, [...] que escrevia um livro de ciência, e de uma daquelas ciências, que, colocando o homem em face da natureza e da ampla e persistente acção das suas forças, o desinteressam fatalmente um pouco dos acidentes sociais, que se lhe afiguram efémeros e mesquinhos. (Ficalho 1886: 220)

Um homem que Maximiano de Lemos considerou “superior à sua época”, a quem atribuiu uma “pasmosa erudição” (Lemos 1991, l: 275), e que Olmedilla y Puig, não teve dúvidas em considerar que

³⁵ Este trecho de uma carta de Eça de Queiroz, a que não conseguimos aceder, encontra-se citado num recente estudo publicado sobre o Conde de Ficalho.

“ha ingresado por derecho propio y por aclamación en el templo de la inmortalidad.” (Olmedilla Y Puig 1896)

Foi esta figura, construída pelo discurso novecentista, que o século XX acolheu e que, durante décadas, resistiu às novas evidências arquivísticas que foram surgindo.³⁶ Se para alguns, como os que afirmaram - “A biografia de Garcia d’Orta está feita. Traçou-a magistralmente o Conde de Ficalho”³⁷ – o estudo biográfico estava concluído, para outros, muitos aspectos continuavam por esclarecer.

Do meu ponto de vista, parece-me que é importante visitar *Colóquios dos Simples* para procurar conhecer os actores secundários e os figurantes que atravessam a obra e identificar as relações, rotas e trilhos descritos por cada um destes viajantes, mercadores, missionários, capitães, pilotos, boticários, médicos ou informadores locais. É necessário percorrer as fontes coevas em busca de dados que atestem a possibilidade da passagem dos seus testemunhos pelo gabinete de Garcia de Orta. Deste modo, será possível esclarecer qual foi o lugar que o médico ocupou na extensa rede de produção e de circulação de saberes relativos às drogas e produtos asiáticos. A clarificação destes elementos poderá trazer revelações sobre o mundo em que o físico se moveu e descrever, de forma mais fundamentada, o seu contributo para a Ciência de Quinhentos.

Bibliografia

- Aguirre Marco (2008); Carla P. Aguirre Marco, “Hernández Morejón, Anastasio Chinchilla y la historia de la medicina española”, in: C.P. Aguirre Marco / J. L. Fresquet Febrer / M. da Luz Lopez-Terrada, Hernández Morejón, Anastasio Chinchilla y la Historia de la Medicina Española, CSIC-UV, *Cuadernos Valencianos de Historia de la Medicina y de la Ciencia*. LVII, pp. 121-198.
- Aguirre Marco, Carla Pilar; Fresquet Febrer, Jose Luis; Lopez-Terrada, Maria da Luz, (2008): *Hernández Morejón, Anastasio Chinchilla y la Historia de la Medicina Española*, CSIC-UV, *Cuadernos Valencianos de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, LVII.
- Albuquerque (1989): Luís de Albuquerque, *Martim Afonso de Sousa*, Lisboa, Alfa.

³⁶ Sobre as novidades arquivísticas reveladas no século XX e a reacção da comunidade científica, ver: Carvalho, 2015a: 125-140.

³⁷ Carvalho, 1924: 5.

- Alejo Montes (2007): Francisco Javier Alejo Montes, *La docencia en la Universidad de Salamanca en el Siglo de Oro*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca.
- Alexandre (2012): Valentim Alexandre (Ed.), *O Império Africano: Séculos XIX e XX*, Lisboa, Colibri.
- Antonio (1963): Nicolàs Antonio, *Bibliotheca Hispana Nova*, Apud Viduam et Heredes D. Joachim Ibarrae, vol. I [1788].
- Arnoso (2008): Conde de Arnoso, “Elogio do Conde de Ficalho”, in: *Conde de Ficalho, Dispersos*. Compilação e notas de João Forjaz Vieira, Universidade Editora, Câmara Municipal de Serpa, pp. 33-43. [1903].
- Baranda Leturio (2001): Consolación Baranda Leturio, “Formas del discurso científico en el Renacimiento: tratados y diálogos”, *Studia Aurea* 5: 1-21.
- Braga (1867): Teófilo Braga, *A primeira poesia impressa de Camões, no livro do Doutor Garcia d’Orta intitulado Colóquios dos Simples e Drogas*, Lisboa, Oficina de Adolfo Modesto.
- Capello & Ivens (1881): Hermenegildo Capello / Roberto Ivens, *De Benguella ás terras de lácça*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Carvalho (1934): Augusto da Silva Carvalho, “Garcia d’Orta”, *Revista da Universidade de Coimbra*, 12: 61-246.
- Carvalho, (1924): Joaquim Teixeira de Carvalho, *Homens de outros tempos*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Carvalho (2012): Teresa Nobre de Carvalho, *O mundo natural asiático aos olhos do Ocidente. Contribuição dos textos ibéricos quinhentistas para a construção de uma nova consciência europeia sobre a Ásia*, Lisboa, Universidade de Lisboa, Tese de Doutoramento – Texto policopiado.
- Carvalho (2015a): Teresa Nobre de Carvalho, *Os desafios de Garcia de Orta. Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, Lisboa, Esfera do Caos.
- Carvalho (2015b): Teresa Nobre de Carvalho, “Estratégias, patronos e favores em *Colóquios dos Simples* de Garcia de Orta”, in: A.M. Lopes de Andrade / C. de Miguel Mora / J.M. Nunes Torção (coord.), *Humanismo e Ciência: Antiguidade e Renascimento*, Aveiro, Coimbra, São Paulo – Universidade de

- Aveiro, Imprensa da Universidade de Coimbra, Annablume, pp. 63-94
- Carvalho (2016): Teresa Nobre de Carvalho, "A behind-the-scenes glimpse into the princeps edition of *Colóquios dos Simples* (Goa, 1563)", *Early Science and Medicine*, 21: 232-251.
- Colmeiro, (1858): Miguel Colmeiro, *La botánica y los botánicos de la Península Hispano-Lusitana. Estudios bibliográficos y biográficos*, Madrid, M. Rivadeneyra.
- Cox (1992): Virginia Cox, *The Renaissance Dialogue: Literary Dialogue in its Social and Political Contexts, Castiglione to Galileo*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Cunha (2011): Carlos Cunha, "Comemoração do Tricentenário da morte de Camões - 1880" in V. Aguiar e Silva (Coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Lisboa, Caminho.
- Chinchilla (1841): Anastasio Chinchilla, *Historia General de la Medicina Española*, Valencia, vol.I
- Egmond (2015): Florike Egmond, "Figuring Exotic Nature in the Sixteenth-Century Europe: Garcia de Orta and Carolus Clusius", in: P. F. da Costa (ed.), *Medicine, Trade and Empire. Garcia de Orta's Colloquies on the Simples and Drugs of India (1563) in context*. London, Ashgate, pp: 167-194.
- Ficalho (1880): Conde de Ficalho, *A flora dos Lusíadas*, Lisboa, Academia Real das Sciencias.
- Ficalho (1886): Conde de Ficalho, *Garcia da Orta e o seu tempo*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Ficalho (1888): Conde de Ficalho / W.P.Hiern, *On Central African plants collected by Major Serpa Pinto*, Londres, Taylor & Francis.
- Fresquet Febrer (2008): Jose Luis Fresquet Febrer, "Una aproximación a la biografía de Anastasio Chinchilla y Piqueras (1801-1967)", in: C.P. Aguirre Marco / J.L. Fresquet Febrer / M. da Luz Lopez-Terrada (eds.), *Hernández Morejón, Anastasio Chinchilla y la Historia de la Medicina Española*, CSIC-UV, Cuadernos Valencianos de Historia de la Medicina y de la Ciencia. LVII, pp. 49-120.
- Girardi (1989): Raffaele Girardi, *La società del dialogo: Retorica e ideologia nella letteratura conviviale del Cinquecento*. Bari, Adriatica Editrice.

- Heitsch & Vallée (2004), Dorothea Heitsch / Jean-François Vallée (eds), *Printed Voices. The Renaissance Culture of Dialogue*, Toronto, University of Toronto Press.
- Hernández Morejón (1843): Antonio Hernández Morejón, *Historia Bibliográfica de la Medicina Española*, Madrid, Viuda de Jordan y hijos, vol. III.
- Hiern & Ficalho (1883): W.P. Hiern / Conde de Ficalho, *Memória sobre algumas plantas da África Central*, Lisboa: Typ. da Real Academia das Sciencias: 1-33.
- Iria (1963): Alberto Iria, "Dos biógrafos portugueses de Garcia de Orta (nótuos biobibliográficas)", *Garcia de Orta*, 11, 4: 833-856.
- Jerónimo (2012): Miguel Jerónimo (ed.), *Império colonial em questão*, Lisboa, Edições 70.
- Ledo (2009); Jorge Ledo, "Estudios sobre el diálogo renacentista desde una perspectiva europea (1898-2005)", *Revista de Literatura*, 71, 142: 407-428.
- Lémery (1760) : Nicolas Lémery, *Dictionnaire Universel des Drogues Simples*, Paris, Chez d'Houry.
- Lemos (1991): Maximiano de Lemos, *História da medicina em Portugal. Doutrinas e Instituições*. Prefácio de Olívia Ruber de Meneses, Lisboa, Dom Quixote, Ordem dos Médicos, vol I.
- Linschoten, (1997): Jan Huygen van Linschoten, *Itinerário, viagem ou navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais ou portuguesas*. Arie Pos / Rui Manuel Loureiro (eds.), Lisboa, CNCDP.
- Lopez Terrada, (2008): Maria Luz Lopez Terrada, "Antonio Hernández Morejón: nuevos datos biográficos sobre su etapa de formación en Valencia", in C.P. Aguirre Marco / J. L. Fresquet Febrer; M. da Luz Lopez-Terrada (eds.), *Hernández Morejón, Anastasio Chinchilla y la Historia de la Medicina Española*, CSIC-UV, Cuadernos Valencianos de Historia de la Medicina y de la Ciencia. LVII, pp. 9-48.
- Loureiro (2008): Rui Manuel Loureiro, "Garcia de Orta e os *Colóquios dos Simples*: Observações de um viajante sedentário" in A. Mendes / G. Fragoso (org), *Garcia de Orta e Alexander von Humboldt: errâncias, investigações e diálogo entre culturas*, Lisboa, Universidade Católica Editora, pp.135-145.

- Loureiro (2012): Rui Manuel Loureiro, "Information networks in the *Estado da Índia*, A case study: was Garcia de Orta the organizer of the *Codex Casanatense 1889'*, *Anais de História de Além Mar*, 13: 41-72.
- Macedo (2012): Marta Macedo, *Projectar e Construir a Nação. Engenheiros, Ciência e Território em Portugal no século XIX*, Lisboa, ICS.
- Machado (1965-1967): Diogo Barbosa de Machado, *Bibliotheca Lusitana*, Edição fac-similada, Coimbra, Atlântida Editora, 4 vols. [1759].
- Nascimento (2011), Maria Teresa Nascimento, *O Diálogo na Literatura Portuguesa. Renascimento e Maneirismo*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos.
- Neves (1945): José Cassiano Neves, *O Conde de Ficalho*, Lisboa, J.C. Neves.
- Nowell (2000): Charles Nowell, *The rose-colored map: Portugal's attempt to built an African empire*. Foreward by Luís de Albuquerque, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.
- Olmedilla y Puig (1896): Joaquin Olmedilla y Puig, *Garcia de Orta, el sábio portugues del siglo XVI*, Madrid, Herederos de M. Fernández.
- Orta (1563): Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples e Drogas he Cousas Mediçinais da Índia*, Goa, J. de Endem.
- Orta (1872): Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, Francisco Adolfo Varnhagen (ed.), Lisboa, Imprensa Nacional.
- Orta (1891-1895): Garcia de Orta, *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*, edição anotada e comentada pelo Conde de Ficalho, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Ortigão (1919): Ramalho Ortigão, *O Conde de Ficalho-retrato íntimo*, Lisboa [s.n.].
- Palhinha (1948): Ruy Telles Palhinha, "Quatro cartas inéditas de Isaac Newton ao Conde de Ficalho", *Brotéria*, 1-17 (2): 69-72.
- Palhinha (1948a): Ruy Telles Palhinha, "Cartas de Alphonse de Candolle ao Conde de Ficalho". *Brotéria*, 1-17 (4): 10.

- Palhinha (1948b): Ruy Telles Palhinha, "Algumas cartas trocadas entre os Professores Doutor Júlio Henriques e o Conde de Ficalho", [S.l, s.n.], Alcobaça, Tipografia Alcobacense.
- Palhinha (1949): Ruy Telles Palhinha, "Cartas de G. Schweinfurth para o Conde de Ficalho", *Sep. Brotéria, Série Ciências Naturais*, 18: 168-172.
- Palhinha (1953): Ruy Telles Palhinha, *Escorço biográfico do Conde de Ficalho, no cinquentenário do seu passamento*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.
- Palhinha (1955): Ruy Telles Palhinha, "As estufas do Jardim Botânico de Lisboa: Cartas do Dr. Goeze ao Conde de Ficalho", *Sep. Brotéria, Série Ciências Naturais*, 24: 1-21.
- Pardo-Tomas (2015): Jose Pardo Tomas, "East Indies, West Indies: Garcia de Orta and the Spanish treatises on Exotic Materia Medica", P. F. da Costa (ed.), *Medicine, Trade and Empire. Garcia de Orta's Colloquies on the Simples and Drugs of India (Goa, 1563) in context*, Londres, Ashgate, pp:195-212.
- Pelúcia (2009): Alexandra Pelúcia, *Martim Afonso de Sousa e a sua linhagem. Trajectórias de uma Elite no Impérios de D. João III e D. Sebastião*, Lisboa, CHAM.
- Pérez Ibáñez (1997): M^a Jesús Pérez Ibáñez, *El humanismo médico des siglo XVI en la Universidad de Salamanca*, Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones e Intercambio Científico.
- Pimentel & Soler (2014): Juan Pimentel / Isabel Soler, "Painting naked truth: The *Colóquios* of Garcia de Orta (1563)", *Journal of Early Modern History*, 18 (1-2): 101-120.
- Pinto (1881): Serpa Pinto, *Como eu atravessei África do Atlântico ao mar Indico*, Londres, Sampson Low, Marston, Searle & Rivington.
- Puga (2008): Rogério Miguel Puga, "Os elementos paratextuais de Colóquios de Garcia de Orta", in A. Mendes / G. Fragoso (org), *Garcia de Orta e Alexander von Humboldt: errâncias, investigações e diálogo entre culturas*, Lisboa, Universidade Católica Editora, pp. 119-134.
- Santos (1978): Maria Emília Madeira Santos, *Viagens de exploração terrestre dos portugueses em África*, Lisboa, Junta de Investiga-

- ções Científicas do Ultramar, Centro de Estudos de Cartografia Antiga.
- Santos (1991): M. Emília Madeira Santos, “Das travessias científicas à exploração regional em África: uma opção da Sociedade de Geografia de Lisboa”, *Separata do Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga*, 222: 1-13.
- Saraiva (1872): Francisco de São Luiz Saraiva, *Obras Completas do Cardeal Saraiva*, Lisboa, Imprensa Nacional, 10 vols.
- Serrão (1986): Joaquim Veríssimo Serrão, “O Conde de Ficalho. Renovador da História Natural dos Descobrimentos”, F.C.Domingues / L.F. Barreto (org.), *A abertura do Mundo. Estudos de História dos Descobrimentos Europeus*. Homenagem a Luís de Albuquerque, vol.I, pp.133-142.
- Siepmann (2008): Helmut Siepmann, “O diálogo-discurso científico entre tradição e inovação”, A. Mendes / G. Fragoso (org), *Garcia de Orta e Alexander von Humboldt: errâncias, investigações e diálogo entre culturas*, Lisboa, Universidade Católica Editora, pp. 157-163.
- Silva (1858): Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional, 23 vols.
- Soler & Pimentel (2015): Isabel Soler / Juan Pimentel, “Garcia de Orta: notas sobre las frontera de la ciencia renascentista”, I.A.Araguás / A.P.Rodríguez / M.S.Sastre (eds.), *Traducción y Representaciones del conflicto desde España y America. Una perspectiva interdisciplinar*, Salamanca, Ed. Universidad de Salamanca, Universidad Católica de Temuco Ed, pp. 89-105.
- Vicente (2010): Filipa Lowdens Vicente, *Outros Orientalismos: A Índia entre Florença e Bombaim*, Lisboa, ICS.
- Vicente (2014): Filipa Lowdens Vicente, “Viagens entre a Índia e o Arquivo: Goa em fotografia e exposições (1860-1930)”, F.L. Vicente (coord), *O Império da Visão: Fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*, Lisboa, Edições 70, pp. 319-342.
- Županov (2009): Inès Županov, “The Wheel of Torments; Mobility and Redemption in Portuguese Colonial India (sixteenth century)”, in Stephen Greenblatt *et al.* (eds), *Cultural Mobility, A Manifesto*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 24–74.

Županov (2015): Inès Županov, "Garcia de Orta's *Colóquios*: Context and the afterlife of a dialogue", in: P.F.Costa (ed.), *Medicine, Trade and Empire. Garcia de Orta's Colloquies in the Simples and Drugs of India (1563) in context*, Farnham, Ashgate, pp. 49-66.